



Foto: Pedro Oliveira

Aspecto das casas tomadas pelos índios no povoado de Mirandela, município de Banzaê

Índios e brancos brigam em Banzaê com omissão federal

Banzaê (Texto de Pedro Oliveira – Correspondente em Ichu) – A falta de diálogo e confiança entre índios e brancos, que pleiteiam a conquista e posse das terras no município de Banzaê, tem causado conflitos e transtornos, dificultando a convivência.

Os índios, por terem sido os primeiros habitantes, se acham com direito da área e detêm a maior parte do território. Os moradores da região, que vivem em estado de terror com as ameaças dos kiriris, criticam a atuação do Incria e da Funai, que, dizem, pouco têm feito em defesa deles.

Com quase dois mil índios espalhados pela mata, em volta de povoados, como Mirandela, Pau Ferro, Arações, Marcação, Segredo, Baixa da Cangalha, Baixa Nova e Gado Velhaco, a tribo kiriris, apesar de ser dividida em duas facções, a de Lázaro, comandando a região de Mirandela, e a Manoel, na Aldeia de Canta Gado, tem demonstrado nos últimos anos um poder de fogo muito grande, expulsando os brancos de suas terras.

Com 152 famílias, comandada por Lázaro, na sede do povoado de Mirandela, os "caras pintadas" têm a localidade como o centro e o coração de sua aldeia. Dispostos a não deixar brancos na reserva, os kiriris têm conquistado nos últimos tempos os maiores povoados, comunidades e as melhores fazendas. Em 1995, eles retiraram várias famílias de Gado Velhaco e agora vêm atormentando e amedrontando os habitantes do povoado de Pau Ferro, com a tomada de casas.

Com uma área territorial de 211 quilômetros quadrados e população de pouco mais de 11 mil habitantes, o município de Banzaê tem como sustentáculo a receita do FPM. A economia está centrada na exploração da castanha de caju, agropecuária e a lavoura de milho, mandioca e feijão. A maior parte do seu território pertence à reserva kiriri. Banzaê fica na região nordeste do estado e faz limite com os municípios de Ribeira do Pombal, Euclides da Cunha, Quijingue e Cícero Dantas.

Outro assentamento

"Nós sabemos que os índios não estão satisfeitos com nossa presença aqui no povoado de Pau Ferro. Mas nós temos os nossos direitos e pretendemos recebê-los e depois sair desta comunidade antes que aconteça uma tragédia. Os índios não confiam em nós e nós não temos confiança neles. Esperamos que os governos vejam o nosso lado e o Incria possa nos dar assentamento em outra área do território do município,



Foto: Pedro Oliveira

Índia Narcisa critica os brancos

para que não venha acontecer conosco o mesmo que aconteceu com os ex-moradores de Gado Velhaco, que perderam tudo e algumas famílias vivem até hoje morando de baixo de uma lona no Centro de Abastecimento na sede de Banzaê. Esperamos que a Funai pague as indenizações justas, já que a que ela pagou foi injusta para os posseiros", diz Joelma Santos, 21 anos, moradora de Pau Ferro.

A índia Narcisa disse que não está satisfeita convivendo nos meios dos brancos e disse: "Aqui em Pau Ferro só vai ficar bom para os índios no dia em que não existir mais brancos neste povoado e em nossas terras". Segundo o conselheiro da tribo chefiada por Lázaro de Cacimba Seca, Donato Jesus dos Santos, 40 anos de idade, as casas ocupadas em Pau Ferro pela tribo são aquelas que a Funai já definiu para pagamento da indenização aos posseiros pelas suas benfeitorias. Já que Mirandela é o centro e o coração da nossa aldeia, é lá que nós moramos, agora tem estes povoados que nós estamos ocupando para que os brancos não destruam mais do que já destruíram em nossa reserva".

Funai é omissa

"Eu estou pedindo que a Funai mande técnicos para fazer novos levantamentos da área, porque tem pai de família aqui, que não é índio, mas tem casa e roça com benfeitorias novas, mas a Funai não quer pagar porque o projeto não foi aprovado pelo Ministério da Justiça", disse o cacique Lázaro. Ele assegura que os índios querem que os brancos recebam suas indenizações e saiam de suas terras em paz. Lázaro reivindica ao governo estadual a liberação de recursos através da CAR para implantação de olarias comunitárias na área indígena, para que eles possam trabalhar dignamente em suas terras, fabricando tijolos e telhas, já que dispõem de muita madeira para queimar o barro.

Outra solicitação dos índios é apoio para a compra de caprinos, ovinos e o incentivo da lavoura agrícola de milho, feijão e mandioca, considerada a alimentação básica da tribo. Segundo ele, a castanha de caju tem sido uma grande

fonte de renda para eles, que no período da safra chegam a armazenar e vender de 50 a 60 toneladas.

Lázaro também demonstra preocupação com a educação dos índios. Ele teve contato com a prefeita de Banzaê, Jailma Dantas Gama, e pediu a reativação dos prédios escolares de Gado Velhaco e Mirandela, como forma de resgatar a educação nas duas localidades, hoje habitadas pelos índios. O cacique informou também que a energia das localidades é paga pelos índios e prefeitura, e às vezes a Funai ajuda.

Prefeita explica

Desmembrado de Ribeira do Pombal e emancipado em fevereiro de 1989, Banzaê é um exemplo da pobreza em que vivem os pequenos municípios brasileiros, praticamente desprovidos de infraestrutura. "A questão das brigas entre índios e brancos cada dia que passa agrava a situação no município. Os índios reivindicam o que é deles, mas o que eu vejo como administradora é que o governo está dando prioridade só aos índios e esquecendo dos brancos. Os posseiros não podem sair da área sem apoio, não só da prefeita, mas também dos governos estadual e federal. Eu tenho lutado junto ao ministro da Justiça e os representantes do Incria e Funai para que possamos fazer o reassentamento destas famílias em outra área", disse a prefeita Jailma Dantas Gama.

A prefeita disse que existem famílias morando há muito tempo nas dependências do Centro de Abastecimento, na sede de Banzaê, depois de expulsas em 1995 pelos índios, e até hoje a Funai não pagou as indenizações. "O que não dá para entender é o cronograma de trabalho. Na maioria das vezes, deixa de pagar a uma família que foi despejada há dois anos e vem pagando a outras pessoas que ainda estão morando na localidade. O pior de tudo isso é que estas pessoas não têm recursos para fugir do problema e prefeitura não tem condições para arcar com as despesas", disse a prefeita.

Foto: Pedro Oliveira



Prefeita Jailma Dantas Gama